

# O voyeur estúpido

por Marcos Cesana

O público já não é o mesmo para apreciar um bom filme, uma boa música, uma boa peça de teatro. Estamos vivendo um período onde qualquer comédia é aplaudida de pé, quase todos filmes são encarados como *fast-food* e a música trocou o sucesso da harmonia pela vulgaridade das bundas. Os valores hoje são outros, e um clássico não é o que foi para uma grande parte do público. Parece que perdeu-se a qualidade na avaliação do que seja bom ou ruim. No entanto, é impossível, ainda bem, ignorar aqueles filmes consagrados. Isto serve para dizer que a burrice, neste caso, não contesta, assimila. Mas, assimila de que forma?

Muito se falou quando do relançamento do filme *Rocco e Seus Irmãos* (*Rocco i suoi Fratelli*, 1960), que o filme é uma obra-prima do cinema italiano e do diretor Luchino Visconti; que marcou o retrato de uma situação social na Itália onde os sulistas vivem, em Milão, o mesmo preconceito que acontece em metrópoles como São Paulo e Rio em relação aos nordestinos; que o filme recuperou parte da sua beleza na versão original, ao contrário da fita comercial e editada que permanece nas prateleiras das locadoras de vídeo. E tudo, tudo é verdade. O filme é maravilhoso. O roteiro, a música, a fotografia, a montagem, a direção, os atores. Tudo é especial.

Pois bem, tudo isso é confete sobre confete. Faço parte de um côro, um eco de cinéfilos que se derrama quando fica diante de um “Davi” como este. Sou o pleonasma de tudo o que falou a crítica especializada. Mas então,

o leitor quer saber, sobre o que vou escrever?

Vou escrever sobre VER. Parece que muitos desaprenderam a ver. Estamos com a vista turva, enevoada. O escritor José Saramago parece ter feito não um romance, mas um “ensaio” sobre o comportamento humano no seu livro *Ensaio Sobre a Cegueira*,



de maneira a colocarmos todos, na maior das cegueiras, que é a nossa condição de falsos democratas que somos e do nosso culto à artificialidade, à superficialidade das coisas. Em *Festa de Família*, o assunto também é abordado, quando o filho revela a todos o segredo do seu pai, o aniversariante, no meio de uma festa. A revelação não estraga a festa de ninguém, e ela se arrasta (a festa, não o filme, que é sensacional), até as pessoas ouvirem o segredo e se certificarem de que aquilo não é uma brincadeira de mau gosto, e sim uma dura realidade. Como as institu-

ções, que não se abalam com escândalos e tentam subverter os valores das coisas para se manterem sólidas, a festa é conduzida até a verdade aflorar na sua plenitude.

Em *Rocco e Seus Irmãos*, algumas pessoas da platéia confundiram tragédia com histri-onismo e “humor negro”. Ora leitor, falo isso porque estava na sala do cinema por duas vezes, e ouvi rirem numa cena de estupro e na confissão de um assassinato, em um filme onde rir me parece difícil e sorrir deveria ser esporádico.

Para alguns, hoje em dia entender um filme como *Rocco*, me parece um modismo. As pessoas não querem ouvir a verdade, querem a “festa”. Não é a confraternização, e sim, a festa pela festa, pura e simplesmente, ou pior, querem a festa para poder dizer no dia seguinte: “Sabe aquela festa, pois é...eu estava lá”, “Sabe aquele filme do Luchino Visconti, o clássico: *Rocco e Seus Irmãos*, pois é...eu vi. Você já viu? Precisa ver! É bom pra xuxu. Os italianos são exagerados, mas eu adorei! Acho só que o filme poderia ter sido mais curto...” Se tem a nítida impressão que o espectador vê *Rocco*, mas pensa exclusivamente no que vai fazer ao sair dali.

Quando se está numa sala de cinema para não se envolver, mas para estar na moda, na crista da onda dos acontecimentos, por dentro do babado, realmente, é de morrer de desgosto. Estou preocupado porque este público me parece doente, sem inteligência, sem auto-crítica. Não escrevo sobre o espectador na sua totalidade, mas falo de uma parte, que de alguns anos pra cá sai de casa e,

ao invés de correr para as locadoras e alugar *Godzilla*, em busca de diversão e entretenimento, agonizam nas salas de cinema para assistirem *Rocco e Seus Irmãos*. O discurso é fundamentado na experiência que tive nestas sessões de *Rocco* e na conversa com amigos, que dentro da mesma sala, e em dias e sessões diferentes da minha, fizeram para mim, um relato parecido como este, desse nosso “novo” público. Ou desse falso espectador que se obriga a ver alguma coisa, além da sua compreensão neoliberal babaca, só para poder dizer ao fim do filme, a frase que confirma isso tudo. “O filme é bom, mas dura muito”, como ouvi isso! Quase retruquei, e disse: “O que dura muito é sua permanência na terra!” “Ô...Ô...Ô...”, dirá o leitor menos radical que eu. Mas o sintoma do filme não ser ruim, mas sim, o público, é cruel.

## Os paradigmas do cinema

O cinema não pode ter como paradigma apenas e tão somente o cinema comercial americano. A criação de um público ignorante para um mercado ignorante é de “medar” qualquer um. Ainda sobre *Rocco*, ao mesmo tempo que via um grupo de garotas gargalhar, quando Simone conta para seu irmão Rocco que matou Nádía (a mulher da vida dos dois), vi, ao meu lado, um homem se comover às lágrimas. Existe alguma esperança. Mas o sujeito tinha mais de trinta e o “novo” público deveria ter idade média que não ultrapassa os vinte cinco anos. Não é um público burro. É na verdade, esse chamado público pós-moderno que não julga nada com seriedade, pois afinal o que é sério?

Contra o cinema comercial que explora pouco o nosso raciocínio, temos: os clássicos (que de uns anos para cá tem sido restaurados e exibidos com mais frequência), o bom cinema independente americano, o novo

cinema francês, o brasileiro que cresce a cada ano, o espanhol e o cinema de alguns poucos autores. Todos, é claro, reservado a uma casta do público que acompanha eventos, como: A Mostra Internacional ou outras retrospectivas do valoroso trabalho feito no Espaço Unibanco de Cinema. Isto, no entanto, é pouco para se restabelecer novos paradigmas, já que a grande maioria das salas fica entulhada dos enlatados americanos, quando não vira o templo da ignorância da Assembléia de Deus. Ou seja, novos paradigmas precisam de espaço e tempo para se estabelecer. Ou seja, de uma política.



O voyeur estúpido só perde a estupidez aumentando o seu repertório, através de políticas públicas que incentivem cartelas de distribuição e comercialização de cinema independente no Brasil, espaços de exibição alternativos, a veiculação de filmes como *Rocco* na TV em horários adequados, mostras e festivais que não fiquem restritos há uma espera de onze meses, e publicações que coloquem o cinema em discussão. Um bom exemplo de distribuição bem sucedida é

ainda o de *Carlota Joaquina*. Mesmo não sendo um filme de grandes pretensões, Carla Camurati começou com uma cópia e foi aumentando a comercialização conforme a popularidade de seu filme foi aumentando, gerando curiosidade e interesse em outros exibidores que topavam fazer negócio. Talvez o único sucesso real do recente cinema brasileiro.

## Dogma

Uma das tentativas mais saudáveis para promover esse novo cinema é o *Dogma 95*. Movimento que deveria incorporar, como conceito, outros cineastas daqui e de fora. Esta estética de poucos gastos e que, finalmente, vem ganhando elogios deveria ter aqui sua própria versão para aticar o nosso mercado, carente, principalmente, de movimentos culturais que mobilizem o público a ver os bons filmes brasileiros, que muitas vezes desperdiçam seu potencial com estratégias de produção falidas. E, quem sabe, propiciar mais um caminho para afugentarmos o público da melancólica inversão de valores.

## Mas só a produção não resolve

Neste sentido, o governo deveria agir, através da sua Secretaria de Cultura, fundamentalmente, na ponte: distribuição e sala de exibição. E não ficar esperando o mercado se acomodar à realidade deles (do mercado americano). Esse, aliás, é um papel que o governo não quer representar (o de protectionista), deixando o mercado pronto para a globalização deles, do mercado americano sobre o nosso. Espero que a “tchurma” de amanhã não confunda tragédia e humor negro. E que o Estado, aliado aos interessados em tudo isso, é claro, tenha “culhão” para alguma coisa. É hora de crescermos para virar indústria também. Do contrário, ficaremos com um bando de babacas no cinema.